

# O *golem* de Samuel Rawet e a estupidez humana

Filipe Amaral Rocha de Menezes

*Um cansaço, e uma espécie de náusea me levam a redigir a história de Johny Golem. Cansaço provocado por um acúmulo de miudezas, náusea provocada pelas possibilidades infinitas da estupidez humana.*

Samuel Rawet

O enfado em relação à estupidez humana, ricamente ilustrada no conto de Samuel Rawet, dá o tom da narrativa. Rawet reescreve o mito judaico do *golem*, um tipo de monstro autômato que teria sido criado por um velho e sábio rabino a partir do barro e recebido a vida por meio de uma palavra mágica, marcada em sua testa ou escrita num pedaço de pano ou papel enfiado em sua boca. Como é natural em toda lenda, cada vez que ela é recontada, surgem variações conforme o narrador. Rawet, por sua vez, ao recontar a história, destaca as interações e os comportamentos das pessoas que estão em contato com o monstro, ressaltando como o diferente, o estranho, perturba a ordem das coisas, sendo necessário, de alguma forma, prender e isolar a criatura para vencê-la.

No conto, após desculpar-se de seu desconforto em deparar com a estupidez humana, o narrador apresenta nomes de localidades, como o de Haifa, numa tentativa quase borgiana de construir um arcabouço de realidade em torno da sua versão do mito. Esse esforço continua quando dados sobre a lenda, como sua origem, os nomes de vários rabinos e estudiosos dos textos místicos judaicos, as datas e todo um conteúdo informativo são costurados para que o leitor tenha “uma informação prévia sobre o *golem*”.<sup>1</sup> Embora o narrador reconheça que tais informações não ajudem muito a compreender o caso. No entanto, ele afiança, ceticamente, que a ajuda na composição do conto, e que, de outro modo, este

<sup>1</sup> RAWET, 2004, p. 334.

pareceria falho. O personagem Johny Golem não é uma criatura de barro trazida à vida por meio de uma palavra mágica, talvez ele seja, apenas, um idiota ou o humano, em geral, visto por Rawet na contemporaneidade. A palavra “golem” pode significar, assim, aquele em que se ausenta a inteligência ou a razão.

O trecho que informa sobre a inscrição do *golem* na tradição judaica pode ser visto como uma espécie de verbete que apresenta um percurso da lenda desde a sua referência bíblica até as diversas histórias de famosos rabinos e estudiosos que, durante a Idade Média, tentaram, a partir do barro, dar vida e fôlego à criatura. Em meio a esse texto informativo, surge uma importante reflexão que pode surpreender o leitor: o narrador se desculpa pela impossibilidade de apresentar uma história que sirva de deleite ao público, devido a sua falta de habilidade e de interesse em criar o seu próprio *golem*. Essa desculpa remete o leitor para experiências complexas, na qual a percepção pragmática do texto seria como uma espécie de missiva da voz narrativa endereçada ao leitor. O narrador critica o seu fazer textual, como se o que ele fizesse não fosse também a recriação de um *golem* ao aglutinar tantos fragmentos de histórias.

No verbete “*Golem*”, da *Jewish Encyclopedia*,<sup>2</sup> são apresentadas duas acepções do vocábulo: como um embrião, única ocorrência da palavra no texto bíblico (Sl 139:16), e, na Idade Média, quando um rabino cria a possibilidade de insuflar vida numa figura humana de barro ou madeira, a qual teria sido nomeada *golem* no século XVIII. Sendo assim, de acordo com essa tradição, tudo o que estiver em estado de incompletude, isto é, não totalmente formado, seria designado como *golem*. Ainda a partir dessa concepção, Adão, antes do sopro da vida, entre o pó e uma massa em formação, poderia ser visto como um *golem*.

Uma das versões medievais sobre o *golem* relata que este poderia crescer de tamanho e levar mensagens ou obedecer mecanicamente a qualquer ordem do seu mestre. Nessas versões, a massa disforme de barro torna-se vida a partir da escrita de um dos nomes sagrados de Deus. Sábios rabinos de Praga, Wilna, ou Cheim teriam dominado a arte da criação de *golems* e criado as suas criaturas particulares para diversos

<sup>2</sup> JEWISH ENCYCLOPEDIA, 1901-1906.

fins domésticos. Esse mito não se perdeu na contemporaneidade. Lyslei Nascimento afirma que ele “migra da tradição oral para a escrita, prolifera em outros meios tão múltiplos quanto as versões pelas quais é difundida”,<sup>3</sup> estando presente em obras nas quais o tema da relação entre criador e criatura é central.

O conto de Rawet pode ser dividido em duas partes. Na primeira, uma introdução, o narrador reaviva e constrói no imaginário do leitor um conceito do *golem*. Na segunda, ele apresenta um monstro contemporâneo diferente das descrições das tentativas anteriores. Entra em cena, nesse momento, Paul Segall, antigo espião e comerciante inglês, que conhece a história de Johny, e que por meio dele, o narrador veio a ter conhecimento sobre esse estranho personagem: um judeu polonês, sem nome, doente submetido a um forte tratamento psiquiátrico, conduzido por Brice Account, que o torna, por procedimentos científicos, num autômato.

Segall, relata a história com detalhes, mas o narrador do conto declara que os omite por simples enfado. O inglês, que ao primeiro momento parecia desinteressado, revela-se um entusiasmado contador da história de Johny. Ele conta, assim, sobre o médico que, por meio da ciência, transformou o judeu doente num autômato. Essa seria, pois, a incrível ideia de Account: fazer aquele homem anônimo um “*golem* autêntico, utilizando para isso todos os recursos do seu setor de pesquisas”.<sup>4</sup>

O doente é reduzido, assim, a um tipo sobre quem contam-se anedotas. Este é referido no texto pelo apelido recebido na clínica psiquiatra: Johny Golem, uma vez que o seu nome verdadeiro é desconhecido. O anonimato de Johny, sua condição de um imigrante judeu polonês refugiado, de bairro pobre, portador de doença mental grave, submetido sem consentimento a tratamento experimental são o pouco que se sabe sobre ele. A insignificância do homem transformado em coisa salta aos olhos do leitor em comparação aos ricos detalhes e informações sobre os demais personagens e localidades.

<sup>3</sup> NASCIMENTO, 2017.

<sup>4</sup> RAWET, 2004, p. 337.

As palavras “experimento” e “pesquisa” surgem na história do devir do pobre imigrante na figura inclassificada e deformada de Johny Golem, considerado, pelo narrador, como “um dos maiores fracassos do setor de pesquisa”. Que tipo de experimento poderia acontecer com alguém como esse homem? A vulnerabilidade dele é exposta por meio de sua pobreza, de sua situação de imigrante, de sua dificuldade de comunicação e de sua doença:

Era um esquizofrênico, com fortes doses paranoicas, além de epileptoide. Acho que assim o classificariam. Não me recordo do seu nome, se é que algum dia cheguei a saber realmente. O nome com que todos o conhecíamos depois de dado instante era Johny Golem. [...] A fala caótica, uma alternância de silêncios e loquacidade caótica. Uma eclosão pornográfica contrabalançada com êxtases místicos fornecendo um quadro impossível de olhar sem humor. O inglês do homem era péssimo, e algo do que dizia era incompreensível. [...] até o ídiche falado por Johny Golem era estropiado.<sup>5</sup>

O cenário desenhado na história, que Segall estaria contando para o narrador, pode remeter o leitor a uma sensação estranha, na qual poderiam ser traçadas linhas de similaridades às experiências, muito mais aterrorizantes perpetradas pelos nazistas nos campos de concentração. Assim, o texto toca os acontecimentos da *Shoah*,<sup>6</sup> um grande evento da estupidez humana, trazendo à tona a lembrança das monstruosas experimentações, abusos e torturas sofridas pelos perseguidos.

Em *Crônicas del holocausto*,<sup>7</sup> encontramos relatos sobre experiências médicas dos nazistas realizadas em seus prisioneiros, por razões pseudocientíficas, sem o menor senso de humanidade, como os realizados pelos médicos julgados em Nuremberg em 1946: beber água do mar, injeções nos ossos, exposição ao gás mostarda e outras atrocidades. Resta lembrar que o Código de Nuremberg nasceu nos finais de 1947 como um estatuto para defender os direitos humanos da experimentação médica, criado após o julgamento.

<sup>5</sup> RAWET, 2004, p. 336.

<sup>6</sup> Prefere-se utilizar o termo *Shoah*, do hebraico “catástrofe”, para se evitar o sentido sacrificial/religioso da palavra Holocausto.

<sup>7</sup> HARRAN, 2002.

A história de Rawet se passa em Haifa e os acontecimentos em relação a Johny poderiam ter ocorrido à época do Mandato Britânico na Palestina, de 1920 a 1948, uma vez que várias personagens são inglesas, como Segall e o médico Brice Account. Segall conta que o dr. Account chefiava um setor de pesquisas em psicologia do serviço secreto, com ênfase em estudos sobre as possibilidades da psicologia em situações de guerra. Ele também lembra: “há certos problemas ligados a interesses do Estado que estão acima do indivíduo, não quero por isso qualificar de crueldade o comportamento de meu chefe de então”,<sup>8</sup> resguardando e protegendo as atitudes atrozias de seu supervisor. Todos os elementos estavam à disposição para que Account perpetrasse seu intento de pesquisa: utilizar-se de todos os recursos disponíveis para transformar o homem debilitado em *golem*.

Embora, curiosamente, o narrador se furte de detalhar os procedimentos realizados em Johny, afirmando serem estes “uma série de pormenores profissionais que não cabe aqui mencionar”, parece que seus intentos se realizaram: dada alta ao paciente/cobaia, “Johny circulava pela cidade como um verdadeiro idiota de aldeia”.<sup>9</sup> O narrador, entretanto, comenta que Account, em alguns momentos, vibrava com o resultado, em outros, lamentava, devido as peripécias do *golem* solto pelas ruas, atuando em diversos “episódios grotescos”.

Novamente, podem ser traçados paralelos do conto de Rawet com os relatos sobre a *Shoah*, uma vez que o estado de Johny remete o leito à condição de “*muçulmano*”, designação dada aos homens que entravam em um verdadeiro estado de apatia devido aos maus-tratos contínuos e a desnutrição, como bem descreve Primo Levi em *É isto um homem?*.<sup>10</sup> Levi foi uma testemunha dessa condição a qual foi reduzida os prisioneiros nos campos de concentração. No capítulo “Os submersos e os salvos”, ele descreve esse estado: “são eles os “muçulmanos”, os submersos, são eles a força do Campo; a multidão anônima, continuamente renovada e sempre igual, dos não-homens que marcham e se esforçam em

<sup>8</sup> RAWET, 2004, p. 336-337.

<sup>9</sup> RAWET, 2004, p. 337.

<sup>10</sup> LEVI, 2000.

silêncio”.<sup>11</sup> Esse estado de decrepitude e desamparo traduzia-se, para ele, uma imagem de “todo o mal do nosso tempo... um homem macilento, cabisbaixo, de ombros curvados, em cujo rosto, em cujo olhar, não se possa ler o menor pensamento”.<sup>12</sup>

Esses eram os que estavam completamente desamparados, sem amigos ou conhecidos poderosos, sem rações extras de comida, sem qualquer tipo de vantagem, os que estavam fadados a sucumbir, os sem esperança.

No conto de Rawet, Johny, a pretexto de ser transformado em um verdadeiro *golem*, foi reduzido a um homem sem esperança, um não homem, um muçulmano, de acordo com Levi, isto é, alguém sem vontade própria, sem individualidade. Segundo Giorgio Agamben, o estado final desses seres humanos era tal que sequer poderiam ser nomeados por cadáveres pelos SS que se livravam dos despojos após o extermínio, mas por *Figuren*, ou seja, bonecos.<sup>13</sup> Ainda, conforme Agamben:

Precisamente no ponto em que o muçulmano, a “testemunha integral”, havia eliminado para sempre qualquer possibilidade de distinguir entre o homem e o não-homem. [...] Também o muçulmano, como o amontoado de cadáveres, atesta o seu completo triunfo sobre a humanidade do homem: mesmo que se mantenha ainda vivo, aquele homem é uma figura sem nome.<sup>14</sup>

Assim, aquele que experimentou na totalidade a experiência do campo, não mais seria um indivíduo, mas, tragicamente, *ein Figur*, um boneco, um sem nome, um amontoado de massa disforme, um *golem*.

A transformação do sujeito em *golem*, como denunciada por Rawet, se relaciona com a transformação do prisioneiro do campo em muçulmano, guardadas as devidas proporções. Se nos campos, esta ocorreu devido a uma destruição sistemática do indivíduo pela violência, no conto, esta decorre também por procedimentos científicos diversos. Vale lembrar, ainda, as cirurgias de lobotomia que ocorriam também na primeira metade do século XX em clínicas psiquiátricas.

<sup>11</sup> LEVI, 2000, p. 91.

<sup>12</sup> LEVI, 2000, p. 91.

<sup>13</sup> AGAMBEN, 2008, p. 58.

<sup>14</sup> AGAMBEN, 2008, p. 55.

Embora encontrem-se tantos detalhes e informações sobre o ocorrido com Johny, algumas questões permanecem sem respostas. Poder-se-ia, no entanto, estabelecer paralelos de sua condição de autômato com a anterior, de imigrante e de refugiado. Rawet, em seus textos, repetidas vezes, trata da condição do imigrante, em especial, a do judeu. Johny Golem é o imigrante sem nome, reduzido ainda mais devido à doença mental, que se torna cada vez mais isolado, incomunicável, sendo tratado, por isso, como coisa. Seu isolamento é marcado tanto por sua história, como contada por Segall, quanto pela opção que o narrador faz em relação à narrativa: conta-se a anedota, mas o *golem* quase que não surge. Como o narrador mesmo lembra: “houve episódios grotescos, disso se lembrava Segall, embora não pudesse resumi-los”.<sup>15</sup> Desta forma, ele opta por esconder, ou deixar na sombra, e submeter, pelo ocultamento, ainda mais o personagem.

Uma das características do *golem* de Rawet, assim como de diversas outras criaturas e monstros, literários, imaginários ou reais, além da sua não humanidade conseguida a partir de procedimentos não detalhados, seria o seu contínuo abafamento. Apesar da exaustiva descrição sobre o que seria a criatura na primeira parte do conto, no restante da narrativa, à medida que se evolui a transição do homem doente em autômato, o narrador toca cada vez menos na condição humana da personagem. Ao evitar detalhar os procedimentos médicos aplicados, diz ter havido vários episódios relacionados à vida de Johny após o tratamento experimental, no entanto, em todas as anedotas referidas, o personagem acaba sendo tamponado. A história desenha-se, desse modo, como uma não história. Ao não concluir ou deixar em primeiro plano a vida de Johny Golem, Rawet denuncia, na enunciação, o apagamento do sujeito.

Johny Golem, quase invisível, nas entrelinhas, é o fio condutor que permeia as narrativas incompletas ou fragmentárias, rastros de uma criatura que não é possível definir e nem se encontrar completamente. O título do conto lembra o leitor que, nesse texto, poderia encontrar todo o relato sobre a vítima da estupidez humana, no entanto, no percurso, mais distante e menos exposta fica a personagem. Assim, quanto menos

<sup>15</sup> RAWET, 2004, p. 337.

se fala de *golem*, mais o narrador parece se desinteressar por sua história. Se no enunciado, o autômato é, aos poucos, deixado de lado, na enunciação, denuncia-se, na perda do interesse pela criatura, a destruição do outro. O narrador encerra, desse modo, seu texto-*golem*, evidenciando que a tarefa máxima da estupidez humana estaria completa em Johny Golem, na sujeição da individualidade do pobre imigrante reduzida a autômato sem nome.

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha*. Tradução de Selvino J. Assman. São Paulo: Boitempo, 2008. 168 p.

GOLEM. In: JEWISH Encyclopedia. (1901-1906). Disponível em: <<http://www.jewishencyclopedia.com/articles/6777-golem>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

HARRAN, Marilyn et al. *Crónica del Holocausto: las palabras e imágenes que hicieron historia*. Traducción de María Herranz Agulleiro. Buenos Aires: El Ateneo, 2002. 765 p.

LEVI, Primo. *É isto um homem?* Tradução de Luigi del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. 175 p.

NASCIMENTO, Lyslei. Johny Golem, de Samuel Rawet: sobre criadores e criaturas. *Letras*. Belo Horizonte, ano 12, n. 53, p. 18, jul. 2017.

RAWET, Samuel. Johny Golem. O terreno de uma polegada quadrada. In: \_\_\_\_\_. *Contos e novelas reunidos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.